

APOIO:



Todos os direitos reservados: ABRALIN

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA  
Magno Nicolau

REALIZAÇÃO:  
ABRALIN

ISBN 978-85-7539-446-5

---

A534

Anais - VI Congresso Internacional da Abralín /  
Dermeval da Hora (org.). - João Pessoa: Ideia, 2009.  
4604p. VOLUME 2

1. Lingüística 2. Hora, Dermeval da.

CDU 801

---

EDITORA LTDA.  
(83) 3222-5986

[www.ideiaeditora.com.br](http://www.ideiaeditora.com.br)  
[ideiaeditora@uol.com.br](mailto:ideiaeditora@uol.com.br)

Foi feito o depósito legal  
Impresso no Brasil

## Fonologia da língua Krenak: um estudo preliminar

Katia Nepomuceno Pessoa UNICAMP

### Krenak: informações gerais

Os Krenak falam a língua Borum e têm sido classificados como integrantes do tronco lingüístico Macro-Jê. Este tronco compreende um grande número de famílias, além da família Jê. Em 1955, Loukotka (*apud* Davis, 1968:46) examinou os dados lingüísticos disponíveis de uma série de tribos não-Tupi que ocupavam regiões da Bahia, nordeste de Minas Gerais e Espírito Santo. Ele agrupou as línguas em quatro famílias – Maxakali, Kamakan, Purían e Botocudo – e as considerou relacionadas ao tronco Macro-Jê. Em 1999, Rodrigues classifica as línguas Macro-Jê em três grupos: orientais, centrais e ocidentais, considerando o Krenak como membro do grupo oriental, junto a línguas pertencentes às famílias Maxakali, Yatê, Purí, Kamakã e Kariri, sendo as três últimas já extintas. Um pouco mais tarde, Seki (2002) realiza um estudo do tipo comparativo, onde compara dados do Krenak com outras línguas Jê e com dados do Proto-Jê, segundo Davis (1966) e apresenta fortes evidências de relações genéticas entre o Botocudo e a família Jê.

Embora tenham sido considerados em vários momentos da história como extintos, os índios Krenak, únicos representantes atuais da família Botocudo, ainda resistem e falam sua língua nativa. Os Krenak encontram-se hoje principalmente na Aldeia Krenak, às margens do rio Doce, entre as cidades de Conselheiro Pena e Resplendor, no estado de Minas Gerais e em número reduzido, em São Paulo. Mesmo sendo ‘Krenak’ a denominação adotada para nomear o grupo, a comunidade inclui também alguns representantes e descendentes de outros subgrupos Botocudo, como os Nakrehé e os Gut-krak.

Rodrigues (2007)<sup>1</sup> considera a língua Krenak como uma língua sobrevivente, mas “com falantes terminais”. De fato, a realidade lingüística dos Krenak, já há cerca de três décadas atrás, refletia uma língua em limites de desaparecimento completo. Segundo Seki (1992), a comunidade era caracterizada por ser dispersa e apresentar um alto grau de miscigenação com não Botocudos (índios e não índios), o que é compreensível se olharmos para a história do grupo como um todo. Na época de sua visita, a pesquisadora relata que a língua se encontrava em grande risco de extinção, apresentando apenas cerca de 15 falantes - em graus diferentes de domínio da língua e com idades acima de 40 anos. Já nesta época, podia-se afirmar que a língua não apresentava mais as funções de linguagem na comunidade, que se comunicava predominantemente em português, mas que, de qualquer maneira, ainda apresentava uma “função de solidariedade grupal”, ou seja, uma função em torno das lembranças da história dos seus antepassados e de demonstrar que podem conservar sua identidade lingüística e étnica. Um levantamento de dados sociolingüísticos mais atuais esta sendo realizado, de forma que ainda não apresentamos um diagnóstico recente desta situação. Porém, de acordo com fontes do ISA (Instituto Sócio-Ambiental), desde 1995 até pelo menos 1998 os Krenak vêm juntando esforços para que as crianças voltem a falar o Borum.

Atualmente, mesmo com todo trabalho de resistência do povo Krenak para preservar e recuperar sua língua e sua cultura, associados aos projetos de educação entre os Krenak, o estado em que se encontra esta língua ainda é preocupante e até onde se sabe, carece de estudos mais abrangentes sobre os fenômenos internos da língua, que possam explicar melhor o seu funcionamento.

---

<sup>1</sup> Informações apresentadas em mesa-redonda sob o título “O Tronco Macro-Jê e suas línguas mortas”, por Aryon Dall’Igna Rodrigues (UnB), no V Encontro de Línguas e Culturas Macro-Jê, ocorrido em São Paulo, entre 3 e 5 de maio de 2007.

## A língua Krenak: estudos existentes

Os Krenak têm sido estudados desde o século XVI, por cronistas e jesuítas, ainda sob o nome de Aimorés. Como Botocudos existem várias documentações oficiais de caráter administrativo, além de relatos de viajantes naturalistas, etnólogos, religiosos, engenheiros e até de um farmacêutico, sendo ainda tratados em artigos de jornal ou outros trabalhos mais específicos sobre o grupo (Seki, 1992). Também lingüistas, como Charlotte Emmerich, Ruth Monserrat, Thaís C. Silva e Lucy Seki realizaram estudos acerca da língua Borun. Mesmo assim, nenhuma das línguas ou dialetos do grupo Botocudo foi documentada de modo satisfatório e não se pode contar, por exemplo, com qualquer descrição da estrutura gramatical mais completa acerca dessa língua.

Sobre a fonologia, a língua dos Krenak conta basicamente com uma descrição fonética e fonológica feita por Silva (1985). O estudo baseia-se no modelo fonológico gerativo-transformacional de Chomsky, apresentado em *The Sound Pattern of English* (SPE, 1968), que considera os segmentos consonantais e vocálicos a partir da noção dos traços distintivos, o que acarreta algumas problemáticas para a análise do Krenak.

Há também outros estudos como os de Davis (1966), Emmerich & Monserrat (1975) e Seki (2002), porém que tratam de aspectos fonéticos e fonológicos de modo mais resumido ou como base para verificações do tipo etnológicas, classificatórias da língua ou para análise de aspectos morfosintáticos.

### Dados inéditos de Seki

Seki realizou várias visitas aos Botocudos de Minas Gerais e de São Paulo entre os anos de 1980 e 1982. O vasto material lingüístico coletado pela pesquisadora para seus estudos sobre os Botocudo, no início da década de 80, resultou em artigos bastante elucidativos sobre a história dos Botocudo e também sobre a língua Krenak, realizando estudos fonológicos e gramaticais da língua (considerado-se, inclusive, seus manuscritos não-publicados).

Tal material consiste em gravações que tiveram como informante principal a Ngut-krak Sebastiana de Souza, já falecida, mas, na época, com cerca de 70 anos de idade, que era considerada como a falante mais competente do grupo. Conta-se também com dados de outros três falantes adultos, com idades entre 40 e 50 anos, que foram: José Anato, sobrinho de Sebastiana, Antônio Jorge e Jovelina.

Trata-se de uma ampla coleta que por questões metodológicas dividiremos em três grupos: o primeiro inclui cerca de 400 itens lexicais, isolados e em contexto (sintagmas nominais e verbais); o segundo, mais cerca de 700 itens pertencentes aos mesmos domínios (incluindo mini-diálogos e frases espontâneas); e o terceiro, que inclui textos produzidos espontaneamente pelos falantes. Para esta análise parcial, abordaremos algumas características observáveis no primeiro grupo e parte do segundo<sup>2</sup>.

A utilização de tais dados se mostra interessante porque, além de inéditos, estes refletem uma situação da língua menos deteriorada do que a que se pode encontrar hoje. Acreditamos que sua descrição e análise permitirão identificar características que podem ter se perdido ao longo dos últimos anos e não ser mais perceptíveis na fala desta geração dos Krenak. Este recorte lingüístico possibilitará, assim, a construção de um material que ajude a resgatar parte da memória lingüística deste povo, além de ampliar a compreensão do material já existente e disponível sobre o Krenak.

---

<sup>2</sup> É importante relevar que se trata de uma primeira apreciação dos dados. As transcrições feitas de oitavo ainda estão sendo realizadas e alguns aspectos ainda serão revisitados. Para isto, contaremos ainda com a revisão e opinião de Seki, orientadora do projeto de Doutorado do qual este estudo faz parte. Contaremos também com informações acústicas a serem verificadas através do programa PRAAT.

## Fonologia Krenak: considerações preliminares

### Os sons e sua distribuição

Para começarmos nossa descrição, identificaremos primeiro os segmentos consonantais e vocálicos da língua e, em segundo lugar, apresentaremos a distribuição destes segmentos, finalizando, na medida do possível, com a apresentação dos segmentos contrastivos em cada uma das posições em que ocorrem.

Uma primeira apreciação de parte dos dados de Seki permite-nos chegar a algumas observações. As oclusivas são as surdas /p/, /t/, /k/ e /ʔ/. A oclusiva bilabial surda /p/ ocorre em onset silábico, adjacente a vogais orais ou não e pode formar onset complexo se seguida pelo tap /P/. Ocorre como [p, p<sub>H</sub>, p<sub>Ω</sub>, p<sub>□</sub>]. A oclusiva surda alveolar /t/ pode ocorrer em onset ou coda, formando sílaba com qualquer vogal da língua e pode ocorrer como [t, t<sub>H</sub>, t<sub>θ</sub>, t<sub>□</sub>]. Com ampla ocorrência, a velar surda /k/ também pode ocorrer em onset ou coda silábica e tem como alofones [k, k<sub>H</sub>, k<sub>Ω</sub>, k<sub>□</sub>]. Forma onset complexo quando seguida pelo tap. A oclusiva glotal /ʔ/ ocorre [ʔ] em onset ou coda e forma sílaba com vogais orais ou nasais. A africada surda /tʃ/ ocorre como [tʃ] em posição de onset apenas.

(19)	[□π□□κ]	‘dedo da mão’	[□κP□π]	‘morder’
(20)	[□τ□]v	‘feio’	[□κP□τ]	
	‘mamão’			
(21)	[□κατ]	‘casca’	[□vδακ]	‘roça, chão’
(22)	[ʔ□. □ʔ□.]	‘gavião’	[□π□]vδZαʔ]	‘dedo do pé’
(23)	[□τΣι(N)]	‘carne’		

Em Silva (1985) foram identificadas 3 nasais, a saber /m, n, □/, como fonemas. Neste estudo, identificamos além destas nasais, o segmento nasal velar [N], que ocorre em coda silábica. A nasal bilabial /m/ e a alveolar /n/ ocorrem em onset ou coda de sílaba, podendo estar seguidos por vogais orais ou não. Os dados demonstram que em onset, a nasal bilabial ocorre predominantemente em sílabas pré-tônicas ou sílabas fracas.

(31)	[μ□ξ□]v	‘abóbora’	[κHυ]μ]	‘fumo, cigarro’
(32)	[□vεκ]	‘banha’	[□τ□]v]	‘feio’
(33)	[[κ□□πιN]	‘capim’		
(34)	[□□Eκομυ]	‘agora’		

As oclusivas pré-nasalizadas são seqüências de nasal + oclusiva, onde a nasal, homorgânica ao ponto da oclusiva, é finalizada e a oclusiva iniciada pelo simples levantamento do velo. Tem sido amplamente discutido que tal movimento dos gestos em algumas línguas deve ser tratado como segmentos unitários, principalmente se ocorrem em posição inicial de sílaba (Ladefoged, 1996: 119).

Os segmentos [μβ], [vδ], [vδZ] e [Nγ] ocorrem com freqüência em Krenak, em onset silábico, início e meio de enunciado ou formando onset complexo com o tap [mbP, NγP]. Ocorrem com menos freqüência em posição de coda. Formam sílaba preferencialmente com vogais orais e tendem a levar acento primário ou secundário. Em coda, em final de palavra, alternam com as nasais plenas [m] e [n].

(24)	[□μβ□κ]	‘peixe’	[□μβP□.N]	‘caminho’
(25)	[□vδ□]N]	‘torto’		
(26)	[□vγ□ʔN] □ [□vγ□N]	‘cachorro’	[□vγPαʔN]	‘cobra’
(27)	[□vδZυ <sup>δ</sup> □vδZυκ]	‘gambá’		

Já em final de sílaba, percebe-se a ocorrência de ‘prestopped nasals’, que chamaremos de ‘nasais pré-clusivas’ (Ladefoged, 1996), ou seja, seqüências vozeadas onde a porção não-nasal do segmento ocorre antes da parte nasal, [ᵐ], [ᵈn], [ᵑn], mas estas se mostram bem menos freqüentes. Sua realização se restringe à posição de coda e não ocorre em início de palavra, apenas em meio ou final de enunciado, em sílabas acentuadas. Até o momento, os dados demonstram que tais segmentos ocorrem após vogais orais.

- (28) [vγα□ταᵐ] ‘lagartixa’  
 (29) [ηι\*□□μβᵈv] ‘capivara’  
 (30) [□vγ□ᵑN] ‘cachorro’

Ainda segundo Ladefoged, as ‘nasais pré-clusivas’ são variantes das nasais plenas. Em Krenak, percebemos que algumas dessas realizações alternavam com nasais plenas ou se labializavam, propiciando a realização de ditongos nos finais de palavras, como vemos a seguir:

- [vγα□ταᵐ] □ [vγα□ταμ] ‘lagartixa’  
 [□vγ□ᵑN] □ [□vγ□N] □ [□vγ□ᵐN] ‘cachorro’

As nasais surdas são consideradas raras nas línguas do mundo. Segundo Ladefoged (1996), as nasais surdas podem ser encontradas em línguas do Sudeste Asiático e América do Norte, formando uma série de três nasais (vozeadas, surdas e laringalizadas). Se forem contrastivas, é mais comum que as nasais vozeadas se oponham a um dos tipos de nasais mencionados anteriormente. Para a realização destas nasais, a glote costuma ficar aberta durante maior parte da articulação, mas há um vozeamento antes dos articuladores finalizarem o movimento. Além disso, também costumam ser mais longos do que as nasais vozeadas e tem F0 mais alto no onset da vogal (Maddieson, 1984, *apud* Ladefoged, 1996). Para o Krenak, observamos a ocorrência das seguintes nasais surdas: [μ8], [v8], [N8] e [□8]<sup>3</sup>. Sua ocorrência mostrou-se menos freqüente do que as nasais plenas e ainda observamos alternância com as plenas em alguns casos, mas só a análise de mais dados poderá revelar suas características e distribuição de forma mais precisa. Por ora, podemos verificar que estas ocorrem em onset silábico, em início de palavra. No contexto mais amplo, como palavra fonológica ou frase fonológica, tende a ser precedido por nasais na coda da sílaba anterior e sua ocorrência em meio de enunciado parece marcar fronteira de palavras. Pode formar onset complexo com o tap. Os exemplos analisados mostram também que a vogal que segue a nasal surda pode ser nasalizada ou não, mas somente estudos mais aprofundados sobre as características dessas vogais irão esclarecer sua ocorrência.

- (35) [v8ακ] ‘roça, chão’  
 (36) [μ8αΡοτ] ‘arroz’  
 (37) [□8ακ] ‘ferida’  
 (38) [□N8ατ□vεκ] ‘panela’

Os glides /j/ e /w/ ocorrem em posição de onset e coda silábica, sendo o bilabial mais freqüente. Foneticamente, o palatal sofre fricativização, sendo realizado como [Z]:

- falar’ 39) a) [κι□φε]μ □ [κι□Zε]μ ‘flecha’      b) [ωα□τυ] ‘rio’      [αωNʔ] ‘

A fricativa glotal /η/ [Ξ, η] e o tap /P/ ocorrem em posição de onset silábico apenas:

<sup>3</sup> Exemplos com a nasal velar surda são encontrados em Seki 1992; 2002.

- (40) [ξαταϕαν] ‘arara’  
 (41) [υη)ημβϕδν] ‘capivara’

Mesmo não podendo apresentar uma análise conclusiva sobre o sistema fonológico da língua Krenak, chegamos à identificação dos seguintes segmentos (o status fonológico daqueles entre parênteses ainda serão verificados :

**Quadro 1: segmentos consonantais do Krenak**

	Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclus.Surda	□	□	□□	□	~
Oclus. Pré-	(□□)	(□□)	(□□□)	..(□□)	
Nasais surdas	(□□)	(□□)	(□□)	..(□□)	
Nasais sonoras	□	□	□	..(□)	
Fric. e glides	□		□.		.□
Tap		□			

Nas línguas Jê, Davis (1966) propõe que os 14 fonemas vocálicos, sendo 9 orais e 5 nasais, podem ser reconstruídos segundo vemos abaixo:

Vogais: /□ ..□ ..□ ..□ ..□ ..□ ..□ ..□ ..□ ..□ ..□ ..□ ..□ ..□ ..□ ..□ ..□ ..□ /

Silva identifica para o Krenak 6 vogais contrastivas, são as orais: /i, □ ..□ ..□ ..□ ..□ / . Entretanto, não podemos caracterizar tais vogais como unidades fonológicas distintas dentro do modelo gerativo transformacional proposto em SPE. Primeiramente, segundo a matriz, □□□ e ..□□□ não se caracterizam como segmentos distintivos, uma vez que apresentam os mesmos valores atribuídos a cada traço (Silva, 1987). Além do mais, a autora não identifica a nasalização como traço distintivo, mas sim como resultado de processo fonológico de nasalização de vogais adjacentes a consoantes nasais.

Em nossa análise, os segmentos vocálicos identificados em Krenak até o momento são 12 e se distribuem entre vogais orais e nasais. As vogais orais podem ser altas [□□, [□] [□]; centrais □ε□ ..□□□ ε .□□□ ; médias baixas [□□ ..□□□ ε □□□ .e as nasais identificadas são a central □□ .□ ..□ . anterior ..□□ .□ .e a posterior ..□□ .□:

- (43) [□πϕικ] ‘formiga’  
 (44) [□□κϕ□] ‘paca’  
 (45) [□κυπιϕικ] ‘macaco’  
 (46) [□κϕε]ν] ‘cabeça’  
 (47) [υκΩ□νφοηπ□~] ‘intestino’  
 (48) [ο□]να] ‘ela’  
 (49) [κ□□□□□~] ‘sobrancelha’  
 (50) [□π□□κ] ‘dedo da mão’  
 (51) [ξαταϕαν] ‘arara’  
 (52) [~α)~α)□ι]Nγυ] ‘ovo’  
 (53) [?o . ?o .] ‘gavião’  
 (54) [τι ν8ακ ZE ~ι .)] ‘to fazendo minha roça’

Chegamos, portanto, a identificação dos seguintes segmentos vocálicos:

[□ ..□ ..□ ..□. ..□ ..□ ..□ ..□ ..□ ..□ ..□. ..□. ..□.]

## A sílaba

O Krenak apresenta o padrão silábico C<sub>1</sub> (C<sub>2</sub>) V (C<sub>3</sub>). Até o momento o corpus revelou como possíveis as seguintes combinações:

C<sub>1</sub> = É representado por qualquer consoante, se formando onset simples. Para onset complexo, apenas podem ocorrer: oclusivas surdas [π,τ,κ]; oclusivas pré-nasalizadas [μβ,νγ], nasal surda [μ□]. Não pode ser representada por: nasais surdas / N□, v□, □□/, oclusiva glotal /~/, africada /τΣ/ e fricativa glotal e tap [ η, P].

(C<sub>2</sub>) = são aquelas consoantes que ocorrem em onset complexo apenas: tap ou glides /P ω φ/

(C<sub>3</sub>) = aquelas consoantes que ocorrem formando sílabas fechadas: [p, t, κ, ~, μ, ν, □, N, ω, φ, β, μ, δ, ν, γ, v]

O onset pode ser composto portanto por um ou dois segmentos. Apesar de a sílaba poder ser formada por vogal apenas, parece mais produtivo que esta ocorra precedida por uma consoante. Quase todos os segmentos consonantais da língua podem constituir um onset simples: p□k ‘mão’, t□p□ ‘sol’, kat ‘casca’, ã ã ‘gavião’, τΣαρυκ ‘pedra’, mb□k ‘peixe’, nd, nd□un nd□uk ‘gambá’, ng□n ‘cachorro’, m□ak ‘perna’, n□ak ‘terra, chão’, □□, □□□□mrin ‘cana’, mahon ‘abóbora’, nuk ‘não, negativo’, □αωιτ ‘muito’, κ□πιN ‘capim’, ωατι ‘milho’, j, hoti ‘você’, ãra ‘lá’.

O onset complexo, composto por dois segmentos, consiste frequentemente de uma oclusiva surda, oclusiva pré-nasalizada ou nasal bilabial sonora ou surda seguida de [ω,P, φ]: prik ‘formiga’, κωαηα ‘homem’, κρακ ‘faca’, mbr□. n ‘caminho’, ngran ‘cobra’, tōnmre ‘e estrela’, m□rãm ‘grande’. Ao que os exemplos parecem sinalizar, parece plausível considerar semelhante o comportamento das seqüências de sons do Krenak com o Timbira Apãniekra. Segundo Alves (2007), baseada em pressupostos teóricos de Clements e Hume, 1995, a ausência das seqüências hw, hr, hj, wj, rw, jw mostra que no onset complexo as seqüências de segmentos precisam crescer em sonoridade. E outros segmentos compostos por consoantes que apresentam o mesmo ponto de articulação – bilabial: pw, mw; coronal: τρ, τφ, νρ, νφ, ρφ, τΣρ, τΣφ, φρ – , os quais são proibidos em Timbira Apãniekra, em Krenak parecem também não ser aceitos até onde pudemos verificar. Isto porém poderá ser afirmado com mais precisão quando for feita a apreciação de todos os dados coletados.

A coda pode ser preenchida por qualquer consoante, exceto a africada [τΣ], o tap [P], a pré-nasalizada [vδZ] e as nasais surdas [v□, N□, □□], : kr□p ‘morder’, kat ‘casca’, kuparak ‘onça’, pond□a ~ ‘pé’, m□rãm ‘grande’, kinu. n ‘meu braço’, □ar□. □ ‘perto’, kwã□ ‘barriga’, ~u. m□ ‘dar’, n□a. w ‘vamos embora’, jaha ‘procurar’. Até onde pudemos verificar, a pré-nasalização quando ocorre em coda é rara ou realizada por um travamento final representada por □ e nem sempre perceptível de oitiva. Por outro lado, como vimos anteriormente, as nasais ‘pré-clusivas’ são mais freqüentes em final de sílaba especialmente após vogais orais.

## O acento

Segundo Hayes (1995: 31), os sistemas de acento das línguas se dividem em sistemas rítmicos e morfológicos. No primeiro, o acento se baseia em fatores fonológicos como no peso silábico, enquanto que no sistema morfológico, o acento serve para elucidar a estrutura morfológica da palavra. O autor faz referência também ao fato de que os sistemas de acento

morfológico e rítmico não são manifestados em sua forma pura, sendo a maioria dos sistemas de acento uma mistura das noções ‘morfológica’ e ‘rítmica’.

Em Krenak o acento é previsível e recai sobre a última sílaba em itens isolados. Se o item lexical é composto por duas sílabas o acento primário é na última, se tiver três sílabas ou mais, o acento da última sílaba ainda é perceptível, mas pode ser secundário.

55) a)[κPε)v] ‘cabeça’      b)[τEππ] ‘sol’      c)[κπαPακ] ‘onça

A última sílaba recebe acento secundário também nos seguintes contextos: palavras compostas; palavra fonológica como junção de morfemas; frase fonológica. Estudos sobre o acento sob a perspectiva rítmica da teoria métrica podem vir a ser esclarecedores no caso do Krenak, no entanto mais dados precisam ser descritos para uma melhor demonstração do que ocorre na língua:

(56)

κPε)v κPπτ      ‘pente’  
 κPε)v.ηι<sup>δ</sup>v      ‘o cabelo é preto’  
 κPε)v. ηο). πI)?      ‘a cabeça é redonda’  
 τEππ. ηο). πI)?      ‘o sol é redondo’  
 vγο)πδZππ      ‘beber’  
 κπαPακ. vγο)πδZππ      ‘a onça bebe água’

### Considerações preliminares e perspectivas de estudo

Este trabalho teve como objetivo apresentar uma descrição preliminar da fonologia da língua Krenak. Chegamos portanto a identificação de 21 segmentos consonantais, dentre os quais 12 são considerados fonemas da língua e 9 precisam ser investigados a partir de um maior número de dados para se chegar a uma definição. Quanto às vogais, estas precisam também ser investigadas quanto às suas características acústicas a fim de encontrarmos evidências de base fonética que possam contribuir para a descrição e distinção das mesmas, assim como outros contextos também precisam ser verificados. Estudos sobre o ritmo em Krenak também precisam ser feitos a fim de compreendermos melhor o que ocorre na língua, o que também precisa contar com um maior número de dados. Por outro lado, reflexões sobre o padrão silábico parecem estar mais claras.

Acreditamos que a apreciação do restante dos dados possa esclarecer as dúvidas quanto a: nasais surdas e suas características na língua; pré-nasalização na língua; processos fonológicos e acento da língua Krenak, o que será possível dentro em breve.

### Referências

- ALVES, F.C. Sistema Fonológico do Timbira Apãniekrá. In: RODRIGUES, A.D & CABRAL, A.S. (Org.) Línguas e culturas Macro-Jê. Brasília: Ed.UNB, 2007.
- CLEMENTS, G. N.; HUME, E.V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (Org.). The Handbook of phonological theory. Londres: Basil Blackwell, 1995.
- HAYES, B. Metrical stress theory: principles and case studies. Chicago/Londres: University of Chicago, 1995.



RODRIGUES, A.D. Macro-Jê. In: DIXON, R & AIKHENVALD, A. (editors). *The Amazonian Languages*, 165-206. Cambridge. University Press, 1999.

DAVIS, I. Comparative Jê Phonology. *Estudos Lingüísticos. Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 1, n.2, p.10-24, 1966.

\_\_\_\_\_. Some macro-Jê relationships. *International Journal of American Linguistics*, v.34, n.1. p.42-27, Jan. 1968.

EMMERICH, C. & MONSERRAT, R. Sobre os Aimorés, Krens e Botocudos. *Notas Lingüísticas. Boletim do Museu do Índio (Antropologia)*, Rio de Janeiro, n.3, p.5-45.1975.

LADEFOGED, P. & MADDIESON, I. *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwell, 1996.

RODRIGUES, A.D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 4.ed.Edições Loyola, 1986.134 p.

\_\_\_\_\_. Macro-Jê. In: DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A.Y. (Ed.) *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

SEKI, L. Notas para a história dos Botocudos (Borum). *Boletim do Museu do Índio*. Rio de Janeiro, n.3, p. 1-20.1992.

\_\_\_\_\_. Os Krenak (Botocudo/ Borum) e sua língua. IN: Luis Miranda (ed.), *Actas I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica, I*. Lima: Universidad Ricardo Palma. 2000. p.351-374.

\_\_\_\_\_. O Krenak (Botocudo/Borum) e as línguas Jê. IN.: SANTOS, L., PONTES, I. (org.). *Línguas Jê, estudos vários*. Londrina: Ed.UEL, 2002. p.15-40.

SILVA,T.C. *Descrição fonética e análise de alguns processos fonológicos da língua Krenak*. 1985. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras. Área de concentração: Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

\_\_\_\_\_. Um problema na análise fonológica dos segmentos vocálicos em Krenak. *D.E.L.T.A., Revista de Documentação de Estudos em Lingüísticos e Teoria Aplicada*, São Paulo, v.3, n.2, p.183-195, 1987.